

Resumo: Objetiva destacar a função educativa que as bibliotecas e os bibliotecários precisam desempenhar na sociedade contemporânea tendo em vista o cenário tecnológico e informacional no qual estão inseridos. Utiliza como metodologia a pesquisa bibliográfica, pautada em revisão de literatura. Os dias atuais são marcados pelo avanço das tecnologias da informação e comunicação, consequentemente, os processos de organização, acesso e uso de informações evoluíram muito e, com isso, novos desafios se apresentam aos profissionais da informação. Ao observar os efeitos positivos e negativos do avanço tecnológico e da emissão de grandes conteúdos informacionais, fica evidente que os bibliotecários, aliando as suas consolidadas técnicas a um fazer social e humanístico, podem colaborar para a construção de indivíduos com competências informacionais, tanto para a busca e recuperação da informação como também no seu uso para criação de novos conhecimentos. Entretanto, para que as bibliotecas se tornem agentes ativos no processo de letramento informacional, muitas dificuldades ainda precisam ser vencidas.

Palavras-chave: Bibliotecas - organização da informação; Competências; Letramento informacional; Sociedade da Informação.

Abstract: It aims to highlight the educational role that libraries and librarians must play in contemporary society in view of the technological and informational scenario in which they are inserted. It uses as methodology the bibliographical research based on literature review. The current days are marked by the progress of information and communication technologies, consequently the processes of organization, access and use of information have evolved greatly and, with this, information professionals face new challenges. In observing the positive and negative effects of technological advances and the emergence of large informational contents it becomes evident that by combining their consolidated techniques with a social and humanistic approach librarians can collaborate for the construction of individuals with informational skills, for both search and retrieval of information as well as its use for the creation of new knowledge. However, in order to improve libraries to become active agents in the information literacy process, many difficulties still have to be overcome.

Keywords: Libraries - information organization; Skills; Informational literacy; Information Society.

1. Introdução

Nos dias atuais, o avanço tecnológico tem causado mudanças constantes na sociedade. Com o avanço das tecnologias de comunicação e informação, houve uma grande mudança no que tange aos processos de produção, armazenamento, recuperação e disseminação de informações em âmbito mundial. A informação está sendo produzida em escalas sem precedentes e em diversos formatos e, com isso, muito se tem falado sobre a facilidade do acesso que as pessoas têm hoje às grandes quantidades de informação.

Principalmente com a chegada da Internet e da *web*, a humanidade foi imersa em uma onda de informações de diversos tipos, formatos e conteúdos científicos ou não, de fontes

confiáveis ou não. Por conseguinte, surgiram novas possibilidades, novas oportunidades e novas sensações, bem como também novos e complexos tipos de problemas.

Nesse contexto, os profissionais da informação que atendem usuários pesquisadores nas diferentes áreas do conhecimento precisam estar preparados para a tomada de decisões quanto à seleção, o armazenamento e a representação de conteúdos em diferentes suportes e para diferentes públicos. Além disso, precisam criar maneiras de facilitar o acesso a informações de qualidade, e fazem isso organizando os acervos, realizando uma catalogação completa dos materiais, usando instrumentos próprios e tecnologias de *softwares* que permitem aos usuários diversas possibilidades de buscas nos catálogos, tais como: busca por autor, busca por título, busca livre, busca por assuntos e outras.

No campo da Biblioteconomia “o ato de organizar está representado nos processos de catalogação, indexação e classificação, cuja finalidade desses processos, *a posteriori*, é viabilizar os mecanismos de busca e recuperação da informação” (SANTA ANNA, 2015:316).

A preocupação com a organização e a catalogação da informação para torná-la recuperável se torna ainda mais evidente na era da sociedade em rede. A grande quantidade de informações em diversos formatos torna difícil a sua recuperação na *web*, com isso, “há uma urgência em se pensar na organização dessa informação disponível na rede, para se pensar no futuro, na memória, na história da humanidade” (ARAÚJO e FACHIN, 2015:93).

Contudo, não se pode deixar de considerar que, além de organizar a informação visando sua recuperação, “[...] novos desafios e problemas mais complexos se apresentam para o cientista da informação em nossos dias” (FREIRE e FREIRE, 2009:95).

Para Bembem, Santos e Pinho Neto (2014:21), além da preocupação com o uso de ferramentas para a representação e disseminação de informações, “o pensar criticamente as tecnologias da informação e comunicação deve ser uma reflexão constante na Ciência da Informação”. Sendo assim, na perspectiva da sociedade contemporânea e diante dos avanços tecnológicos, é preciso ir além da corrida pela facilitação do acesso ou recuperação da informação. Os profissionais da informação, estão hoje diante de uma nova “responsabilidade social”, conforme apontado por Freire e Freire (2009:116, *grifo nosso*), “[...] o que há, na realidade, é um problema de excesso de informação, bem como a necessidade de organizá-la e, principalmente, **torná-la útil à sociedade** [...]”.

Entende-se, portanto, que tornar a informação útil à sociedade, envolve mais do que simplesmente torná-la acessível com uso de potentes tecnologias, “[...] importa, no entanto, evitar um equívoco fundamental: o que leva a identificar **informação e saber**, e, do mesmo passo, a concluir que o mero fornecimento de mais informação aos indivíduos representa, por si só, um acréscimo de saber” (SERRA, 1998:131, *grifo nosso*).

Diante desse quadro, o presente artigo, objetiva destacar a função educativa que as bibliotecas precisam buscar desempenhar, tendo em vista as inúmeras tecnologias da informação e comunicação existentes na sociedade contemporânea. Para alcançar esse objetivo, foram considerados os seguintes objetivos específicos: a) identificar mudanças sociais impulsionadas pelo uso excessivo das Tecnologias da Comunicação e Informação (TIC) na sociedade contemporânea, destacando-se, principalmente, as suas consequências negativas b) enfatizar a necessidade da busca por competências informacionais no ambiente das bibliotecas. Ressalta-se que a organização e a representação da informação

em ambientes de bibliotecas podem contribuir, não apenas para facilitar o acesso às informações de qualidade, mas também como um instrumento a serviço do “acréscimo de saber” aos usuários frequentadores desses espaços.

2. O percurso metodológico

Quanto às fontes, o presente estudo revela-se bibliográfico por ter sido pautado exclusivamente em revisão da literatura. Possui a natureza descritiva e abordagem qualitativa, uma vez que não foram trabalhados dados quantitativos. Partindo do pressuposto de que o avanço tecnológico, além de facilidades e benefícios, traz também novos tipos de problemas à sociedade, desenvolveu-se o estudo em três etapas principais, sendo as seguintes:

- a) primeiramente realizou-se uma revisão bibliográfica acerca de autores que apresentam uma visão crítica, abordando as mudanças sociais advindas do excesso de informações e o uso exacerbado das tecnologias na sociedade contemporânea, onde são problematizadas as consequências tanto positivas como negativas advindas desse cenário;
- b) em seguida, buscou-se, também, por meio de revisão da literatura, apontar o importante papel social e humanístico que as bibliotecas precisam desempenhar diante dessa realidade contemporânea; e
- c) por fim, foi realizada uma análise crítica para a apresentação dos resultados alcançados.

3. Os dois lados da “sociedade da informação”

Na sociedade contemporânea, observa-se que o avanço tecnológico tem proporcionado muitos benefícios e facilidades para a vida cotidiana das pessoas. As TIC, cada vez mais, são colocadas à disposição das pessoas, causando transformações, pois “[...] geram inúmeras perspectivas de relacionamento, de se fazer presente no meio social e de se relacionar com a nova estrutura de espaço urbano que vem se formando, assim como com o espaço digital, de forma a (re)configurar espaços e práticas e relações sociais” (FONTES e GOMES, 2013:61).

As ferramentas tecnológicas levam os cidadãos a ter acesso instantâneo à informações e conteúdos. As redes sociais permitem que as pessoas se expressem e compartilhem seus pensamentos/sentimentos com outros indivíduos ou grupos ao redor do mundo. “A geração atual utiliza intensamente as TICs para suprir as suas necessidades de informação e de relacionamento com os outros” (OLIVEIRA e CRANCHI, 2017:38).

Nesse sentido, Fontes e Gomes (2013) consideram que o advento da Internet e a chamada “revolução digital” provocaram:

- a) **Impacto na comunicação e informação:** a Internet, hoje o principal meio de comunicação, se diferencia dos meios tradicionais de comunicação pois, entre outras coisas, potencializa a interatividade, promove a participação ativa do usuário e se destaca pela facilidade em publicação de conteúdos; e
- b) **Novos hábitos sociais e culturais:** o ciberespaço (sociedade em rede) aniquilou as distâncias impostas pela geografia e permitiu tentar controlar o tempo.

Além disso, Fontes e Gomes (2013) acrescentam que a Internet e a “revolução digital” “disponibilizaram, entre outros benefícios, opções de produção, consumo e compartilhamento de informações ao possibilitar a convergência midiática, ou seja, a união do texto, som, imagem e telefonia em uma única mídia” (FONTES e GOMES, 2013:65).

Tudo isso pode causar a sensação de que o avanço no uso das TIC está proporcionando um mundo mais aberto à democracia e à efetiva participação do indivíduo nas questões sociais em prol da coletividade. Todavia, não se pode deixar de considerar o uso das TIC com um olhar crítico e um pensar mais complexo. Por esse ângulo, Pinho Neto (2008:2) pondera que “[...] é necessário refutar as perspectivas teóricas baseadas em prerrogativas deterministas, pois estas inviabilizam a distância e o estranhamento necessários à reflexão e à crítica”.

É preciso considerar que nenhuma técnica é capaz de agir sozinha ou causar transformações ou “revoluções” por si mesma, ou seja, o direcionamento do uso das TIC, na sociedade, tem avançado em conjunto com as vontades, os desejos e a atividade dos humanos, estando, portanto, o homem e a técnica atrelados numa união indissociável. Conforme o entendimento de Castells (1999:43), “a tecnologia não determina a sociedade: incorpora-a. Mas a sociedade também não determina a inovação tecnológica: utiliza-a”.

Desse modo, há que se considerar os **dois lados** da chamada Sociedade da Informação, visto que, além dos muitos benefícios e facilidades, o avanço das TIC contribui também para gerar consequências negativas na sociedade.

Conforme apontado por Pinheiro e Brito (2014, *on-line não paginado*) “[...] à Ciência da Informação, em particular, cabe a compreensão de que a informação em sua “dimensão negativa” também deve ser pesquisada”. Convém aqui reforçar que o fato de se ter acesso a uma grande quantidade de informações não é suficiente para cultivar cidadãos bem informados. Ao contrário disso, o próprio **excesso de informações** destaca-se como uma dimensão negativa, tornando-se um grande obstáculo aos pesquisadores.

Diante disso, os autores Tomaél *et al.* (2001) relatam o problema da avaliação da **qualidade das informações** encontradas na Internet:

No entanto, alguém que passe certo tempo surfando na Web acaba por encontrar “o bom, o mau e o feio”, isto porque, devido à abertura do sistema, qualquer pessoa pode colocar qualquer tipo de informação na Internet. Não existem avaliações prévias do que é disponibilizado. O acúmulo de informações sem relevância aponta para a necessidade de filtros que permitam a recuperação de informações de qualidade e com maior revocação (TOMAÉL, *et al.*, 2001:3, *grifo nosso*).

O termo “surfando na web” é bastante apropriado na citação acima pois, diante de infinitos conteúdos disponíveis na *web*, o pesquisador acaba por assim “navegar superficialmente” num mar abundante de informações, não tendo tempo para se aprofundar nos conteúdos e, conseqüentemente, nem em suas reflexões. Gasque (2012:27) acrescenta que, “no âmbito acadêmico, em muitos casos o acesso às informações, não necessariamente de qualidade, torna o plágio bastante comum entre muitos aprendizes, que se limitam a copiar e colar”. Além disso, “[...] não devemos esquecer-nos que a rede não permite a produção do conhecimento em si. O conhecimento surge de perguntas sobre as mais variadas situações, o que exige **tempo de reflexão** por parte do sujeito” (BARRETO, 2005:121, *grifo nosso*).

O tempo do pesquisador é um fator importante a ser considerado. As informações são produzidas com muita velocidade na rede e diversos são os critérios para avaliar a qualidade dos conteúdos de fontes de informação, dentre os quais destacam-se, principalmente: autoridade, atualidade das informações e precisão (TOMAÉL, *et al.*, 2001).

Assim, exige-se tempo e esforço para “separar o joio do trigo” quando se trata de qualidade dos conteúdos da Internet. O tempo torna-se, portanto, um recurso valioso na busca por fontes seguras e informações confiáveis. Isso foi ressaltado por Keen (2009:34) ao explicar que “o único recurso cada vez mais desafiado por essa cauda longa de conteúdo amador é nosso tempo – o mais limitado e precioso de todos os recursos”. O autor ainda acrescenta que “a informação gratuita de fato não é gratuita; todos nós acabamos pagando por ela de uma maneira ou de outra com o mais valioso de todos os recursos – nosso tempo” (KEEN, 2009:47).

Entretanto, há ainda outros fatores a serem destacados como sendo consequências negativas do avanço tecnológico e da sociedade em rede, como por exemplo: as armadilhas do **consumismo na era digital**. Diariamente as pessoas são bombardeadas com propagandas e estratégias mercadológicas que tendem a desviar a atenção dos indivíduos das outras questões que realmente importam, isto foi enfatizado por Santos (1988:17): “Na pós-modernidade, o indivíduo vive banhado num rio de testes permanente. Digitalizados, os signos pedem escolha. Não uma decisão profunda, existencial, mas uma resposta rápida, impulsiva, boa para o consumo”. O autor enfatiza ainda que “[...] a tecnociência invade o cotidiano com mil artefatos e serviços, mas não oferece nenhum valor moral além do hedonismo consumista” (SANTOS, 1988:73).

Com os recursos da *web*, os internautas passaram a ter nas mãos o poder da participação ativa, a oportunidade de falar e não apenas receber informações. Mas, de que forma as pessoas estão usando esse poder de expressão? quais estão sendo hoje suas prioridades? Nesse aspecto, Keen (2009, p. 55) faz uma severa crítica ao uso que tem sido feito da *web 2.0*, onde os indivíduos além de receptores, tornaram-se também os emissores frenéticos de informações:

Em vez de começar nossas conversas sobre política, economia e relações exteriores a partir de uma perspectiva informada comum, os blogueiros amadores discorrem sobre assuntos triviais como sua marca de cereais matinais, de carro, ou personalidade de *reality show* favorita (KEEN, 2009:55).

Além disso, há também na sociedade contemporânea a questão da **desinformação**. Os autores Pinheiro e Brito (2014) ao considerarem os múltiplos significados e a utilização do conceito de desinformação apontam que este é hoje um problema complexo que vai muito além da simples falta de cultura ou falta de conhecimento sobre determinado assunto. Conforme o texto mostra, a desinformação pode ser induzida à população de forma proposital servindo, assim, como um instrumento estratégico de manipulação. Essa questão também é mencionada por Parra Filho e Martins (2017) que acrescentam que os problemas com a desinformação e manipulação das massas vem permeando inclusive a esfera pública e política.

Ainda no que se refere à desinformação, Araújo (2017) acrescenta que, além dos muitos *sites* e dos robôs dedicados especialmente a veicular mentiras, “também as grandes

empresas jornalísticas, vinculadas a interesses comerciais, atuam fortemente na divulgação de boatos, notícias falsas ou parcialmente verdadeiras [...]” (ARAÚJO, 2017:75).

Mas, essa problemática não está só na informação escrita. O autor Philippe Quéau (1999), por outro ângulo, faz uma análise acerca da virtualização e o tratamento das imagens, onde destaca que muitas vezes as **imagens virtuais** podem ser confundidas com o real num jogo de manipulação e trucagens, e com isso, “a fronteira entre o verdadeiro e o falso torna-se cada vez mais impalpável, e as balizas que permitem distinguir os diversos níveis de verdade das representações e de avaliar a sua credibilidade tornam-se cada vez mais difíceis de controlar” (QUÉAU, 1999:96).

Mediante essa análise, o autor faz um alerta para a necessidade de uma nova forma de alfabetização, de modo que se possa melhorar a formação do público, porém, antes disso, é preciso primeiro que a sociedade tenha consciência desses problemas. Quéau (1999:97) acrescenta ainda que “quanto mais estivermos imersos na imagem, mais deveremos aprender a desconfiar desta imagem, e evitar de nos deixar absorver pela pseudo-evidência dos sentidos”.

Perante todos esses fatores negativos mencionados até aqui, observa-se que, na sociedade contemporânea em rede, não é tarefa fácil tornar-se um cidadão consciente, bem informado e capaz do diálogo, da reflexão crítica e da participação política e social. Também não é fácil filtrar e extrair informações relevantes e confiáveis que possam servir de base para a criação de novos saberes e de novos conhecimentos que façam a diferença na sociedade.

Tudo isso mostra que o foco não deve estar apenas na disponibilidade de acesso aos aparatos tecnológicos ou do simples acesso às informações. O que se precisa entender, é que o foco, principalmente o foco das políticas públicas para a inclusão digital, deve ser direcionado também para a questão da formação humana e para as questões que englobam a educação para a vida das pessoas. De acordo com Aquino (2007:15, *grifo nosso*):

Mesmo que estejamos, no cotidiano e nas salas de aula, conectados à sociedade em rede pela multiplicidade de ferramentas hoje colocadas à nossa disposição pelas tecnologias da informação e comunicação, como computadores, redes de informação, televisão, vídeo, fax etc., não podemos deixar de pensar na **formação de sujeitos humanos**. Nesse sentido, o diálogo deverá ser considerado uma ferramenta importante para a construção de sujeitos capazes de fala e de ação.

Portanto, trabalhar para a construção de sujeitos com capacidade crítica para distinguir informação e desinformação e sobretudo “capazes da fala e da ação” se constitui hoje uma preocupação e uma urgência global e esta deve ser também uma das preocupações dos profissionais da informação.

4. A organização da informação em bibliotecas: um passo na busca por competências em informação

As bibliotecas são instituições que agregam profissionais acostumados a seguir regras, padrões e normas internacionalmente estabelecidas para a organização e a representação

da informação contida em seus acervos. No ambiente físico das bibliotecas, normalmente existem setores responsáveis por distintas atividades, entre eles, está o setor de processos técnicos, onde são aplicadas políticas internas tais como a Política de Seleção e Desenvolvimento de Coleções, além de organizar a informação e realizar sua representação no sistema informatizado.

O processo de representação, também chamado de catalogação, realizada pelos bibliotecários se divide em dois tipos, os quais resultam para os usuários em diferentes possibilidades de busca e recuperação nos sistemas, sendo: 1) através da representação descritiva, quando ocorre a descrição dos dados físicos do material, possibilita-se a realização de buscas por nome de autor, por título, por tipo de material, etc.; e 2) através da representação temática, quando ocorre a descrição do conteúdo, ou seja, dos assuntos contidos no material, possibilita-se a realização de buscas por assuntos de interesse (MAIMONE, SILVEIRA e TÁLAMO, 2011).

É importante ressaltar que os esforços dos profissionais da informação no sentido de padronizar a representação dos recursos informacionais não é uma novidade no cenário mundial. Antes da chegada da internet e da *web*, o registro dos dados dos acervos das bibliotecas era realizado por meio de fichas ou cartões impressos que eram armazenados e possibilitavam buscas em catálogos manuais. O avanço das TIC, teve um impacto positivo na realização desses serviços (SANTA ANNA, 2015).

Como consequência do avanço tecnológico e da chegada do computador, surgiu nas bibliotecas a necessidade de transportar fichas e catálogos que outrora eram feitos manualmente, para os sistemas de recuperação da informação tendo seus dados estruturados de forma legível por máquina, para tal, as bibliotecas começaram a utilizar os padrões de metadados. Dentre os padrões de metadados comumente usados por bibliotecários, destaca-se o Formato MARC (*Machine Readable Cataloging*), que teve sua origem na década de 1960 por uma iniciativa da Library of Congress, nos Estados Unidos (ASSUMPÇÃO e SANTOS, 2015).

O MARC 21, como é conhecido hoje, se constitui em um conjunto de padrões de metadados que se espalhou pelo mundo, sendo adotado por muitos *softwares* de gerenciamento de bibliotecas. Além de estruturar os dados sobre cada material do acervo, esses formatos permitem o intercâmbio desses dados entre diferentes sistemas de bibliotecas, além de possibilitarem a atuação das bibliotecas em rede, gerando a criação dos catálogos coletivos *online*.

No Brasil, desde o final da década de 1960 vêm sendo adotadas, nas bibliotecas, as *Anglo-American Cataloging Rules* (AACR), ou Código de Catalogação Anglo-americano, um importante instrumento onde são estabelecidas regras para a representação descritiva dos diferentes tipos de materiais bibliográficos (MEY e SILVEIRA, 2009).

Outrossim, para acompanhar o avanço tecnológico e melhorar a recuperação dos novos tipos de suportes e conteúdos informacionais, foi lançado, no ano de 2010, o *Resource Description and Access* (RDA), um novo instrumento cujas regras para descrição de materiais são mais simplificadas em relação ao AACR2 e especialmente projetadas para a descrição de documentos digitais e de acesso *online* (SILVA *et al.*, 2017). Conforme destacado por Machado e Pereira (2015:299), a intenção é que o RDA se torne o “novo

código de catalogação e substitua o AACR2 a fim de melhorar a recuperação do conhecimento registrado nas bibliotecas”.

No entanto, além dos códigos de catalogação e dos padrões de metadados, os bibliotecários também lançam mão de ferramentas que auxiliam na representação temática, ou seja, na representação dos assuntos contidos nos materiais. Dentre essas ferramentas destacam-se, por exemplo: os esquemas de classificação hierárquicos de assuntos, tal como a Classificação Decimal de Dewey (CDD); e também os Tesouros que contemplam listas de termos controlados de uma determinada área do conhecimento, cuja estrutura engloba relacionamentos associativos, de equivalência e hierárquicos entre os termos, visando a qualidade na representação dos assuntos.

A prática do bibliotecário com o uso dessas ferramentas que norteiam a representação da informação na *web*, aliadas ao avanço das TIC, principalmente com o desenvolvimento de poderosos *softwares* para gerenciamento de bibliotecas, tem otimizado e tornado os processos de organização e representação da informação cada vez mais eficientes em ambientes de bibliotecas, tanto para os seus espaços e acervos físicos quanto para os espaços e acervos digitais. Isto é fundamental para a organização da informação uma vez que as bibliotecas tradicionais estão cada vez mais se convertendo nas chamadas “bibliotecas híbridas” onde o acervo passa a ser composto tanto de conteúdos com suporte impresso/físico como também no formato eletrônico/digital.

Considerando a importância de pensar uma representação da informação que esteja de acordo com as necessidades dos usuários, Bembem, Santos e Pinho Neto (2014:19) enfatizam:

As formas de representação da informação são os elementos que precedem o acesso à informação e, por conseguinte, precedem as possíveis formas de construção do conhecimento. Por essa razão, considera-se que as formas de representação devem estar o mais próximo possível das realidades dos sujeitos, sendo necessária a possibilidade de atrelar as representações formais, elaboradas por profissionais, às representações elaboradas por usuários.

Cabe, portanto, ao bibliotecário, por meio da educação continuada, buscar conhecimento sobre essas tecnologias que agilizam e tornam os processos técnicos mais dinâmicos, bem como também estar preparado para o uso das ferramentas e instrumentos peculiares de sua área para auxiliar na representação da informação em todos os seus formatos (OKADA e ORTEGA, 2009).

Estando os catálogos de bibliotecas disponíveis *online* e organizados com a ajuda de importantes ferramentas tecnológicas, a tendência é que os usuários se tornem mais independentes na realização de suas buscas pela informação contidas nos acervos das bibliotecas. Com a ajuda dos motores de busca da Internet, o usuário acessa os catálogos de bibliotecas sem precisar sair de sua casa, usando seu próprio computador, ou até mesmo de qualquer lugar, por meio de seus dispositivos móveis.

O próprio bibliotecário pode criar meios para capacitar seus usuários de modo a torná-los cada vez mais autônomos na recuperação da informação. Com isso e com o aumento dos conteúdos cujo texto completo está disponível em suporte eletrônico, torna-se natural que os usuários já não procurem mais com tanta frequência os bibliotecários para a simples

localização de materiais do acervo da biblioteca. No entanto, isto não deve ser encarado como um fator negativo para os profissionais da informação. Pelo contrário, deve abrir espaço para a reflexão acerca das outras funções que o bibliotecário pode realizar, além de facilitador do acesso à informação (ARAÚJO, 2017).

Além disso, numa sociedade em que as imagens, fotografias e vídeos ganharam demasiada atenção principalmente dos jovens, um papel fundamental que recai sobre as bibliotecas é o de estimular e promover o hábito da leitura, porque é a partir da leitura que será possível gerar novos saberes. Segundo Barreto (2005:116), “desde o aparecimento da imprensa, a leitura é considerada instrumento dos mais importantes na aquisição de informações, as quais se forem significadas pelo sujeito e apropriadas para seus diferentes contextos constituir-se-ão em conhecimento”.

Assim, conforme Dudziak, (2003:34, *grifo nosso*) “repensar o papel do bibliotecário e repensar a biblioteca enquanto organização são caminhos acertados que conduzirão à expansão da transformação da educação e da implementação de programas educacionais voltados para a **competência em informação**”.

Nesse sentido, Gasque (2012) argumenta que, embora as palavras ‘competência’ e ‘letramento’ estejam relacionadas, existe uma diferença entre esses termos. “Competência deve ser usada como expressão do ‘saber-fazer’, derivada das relações entre o conhecimento que o sujeito detém, a experiência adquirida pela prática e a reflexão sobre a ação” (GASQUE, 2012:51). Já o letramento informacional é um conceito mais complexo e abrangente pois envolve amplo processo de ensino-aprendizagem.

O letramento informacional constitui-se no processo de aprendizagem necessário ao desenvolvimento de competências e habilidades específicas para buscar e usar a informação. Por isso, ao se pensar em implantação do letramento informacional deve se considerar inicialmente a concepção de ensino-aprendizagem subjacente ao processo do letramento (GASQUE, 2012:52).

Silva *et al.* (2005:32) relatam que o conceito *information literacy* surgiu “nos Estados Unidos, no início da década de 70, entre profissionais preocupados com o papel da biblioteca escolar na educação global, no novo tempo digital”. Contudo, as bibliotecas, sejam as escolares, as universitárias, as públicas ou as especializadas, podem contribuir para o desenvolvimento de competências e habilidades na busca e no uso da informação por parte dos usuários, como também podem ser participantes ativas no planejamento pedagógico para o processo de letramento informacional, mas isto se constitui em um desafio e numa mudança cultural, conforme considera Dudziak (2003:33):

Em relação à *information literacy*, as bibliotecas enfrentam o desafio de se transformarem, de repositório de informações e prestadoras de serviços, em organizações provocadoras de mudanças nas instituições em que atuam. Para se constituírem em organizações aprendentes e espaços de expressão, têm de buscar sua própria revolução, adotando práticas de inovação organizacional.

Gasque (2012) aponta diversas atividades a serem desenvolvidas pelas bibliotecas em prol da criação de competências em informação, as quais podem ser incluídas no processo de letramento informacional. Nas escolas e universidades, por exemplo, os bibliotecários podem colaborar com os processos de ensino e aprendizagem que acontecem nos espaços

pedagógicos. Podem também contribuir ensinando, aos professores e alunos, os conteúdos necessários à realização da pesquisa, tais como: compreensão da organização da biblioteca; a busca em bancos de dados; construção de resumos; a aplicação das normas da ABNT na estrutura das pesquisas, dentre outros (GASQUE, 2012).

No entanto, ainda segundo Gasque (2012), para os bibliotecários atuarem enquanto “infoeducadores”, precisam aprender a aprender antes de ensinar. Precisam de capacitação para o desenvolvimento de habilidades para o ensino. Além disso, para que as bibliotecas consigam participar ativamente em ações concretas voltadas para o processo de letramento informacional, muitos desafios precisam ainda ser vencidos, dentre eles: falta de integração pedagógica das bibliotecas nas escolas, nas universidades e nas comunidades; escassez de recursos e carência de infraestrutura adequada.

5. Considerações finais

Por meio das discussões elencadas anteriormente, observa-se que, na sociedade atual, também chamada de sociedade da informação, o avanço das TIC é impulsionado pelas vontades e os desejos dos homens, isto tem trazido consequências positivas e negativas para a sociedade como um todo. Em meio ao excesso de informação e desinformação, as bibliotecas e os bibliotecários podem exercer um papel educativo contribuindo no processo de construção de competências informacionais em seus usuários.

Porém, usuário competente em informação não é só aquele que consegue recuperar ou buscar informações. Há muito mais envolvido do que apenas o acesso à informação em rede, é preciso que, haja também uma consciência crítica para filtrar e extrair o que é relevante em meio a uma infinidade de conteúdos e formatos disponíveis hoje na Internet.

O uso exacerbado das TIC na sociedade contemporânea possui um lado negativo que traz à tona problemas, tais como o excesso de informação, informações não confiáveis (*fake news*), desinformação e muitos outros. Com isso, a biblioteca pode desempenhar um importante papel preparando e treinando usuários para serem competentes em informação, capazes de discernimento e de análise crítica na busca por informações de qualidade e na escolha de fontes de informação adequadas, principalmente na Internet. Conforme destaca Gasque (2012:157), “o papel das bibliotecas pode ser enriquecido com a mediação dos bibliotecários nos processos de aprendizagem dos usuários, isto é, mais do que organizar a informação, os bibliotecários devem se preocupar em ajudar os usuários a buscá-la e usá-la”.

Contudo, não há a intenção, com isto, de dizer que os bibliotecários não precisam mais se preocupar com os processos técnicos envolvidos na organização e representação das informações. Pelo contrário, a organização da informação e sua representação descritiva e temática no âmbito das bibliotecas são de fundamental importância para proporcionar um **ambiente de aprendizagem** onde se possa capacitar usuários na busca e no uso de informações de qualidade. Além disso, tais processos não estão desvinculados da mediação da informação pois envolvem muitas reflexões sobre os resultados que serão alcançados pelos usuários no uso das informações ali tratadas. Ambientes com informações organizadas e disponíveis *online* contribuem para que os usuários cada vez mais se tornem autônomos nas suas buscas e pesquisas.

O que se pretende ressaltar aqui é que os profissionais bibliotecários não devem permitir que as preocupações com os processos técnicos do fazer biblioteconômico e a busca por *softwares* e altas tecnologias se sobreponham às outras funções de cunho social e humanístico que a biblioteca pode exercer (SILVEIRA, 2008).

Corroborando o pensamento de Oliveira e Cranchi (2017:41) os bibliotecários precisam esforçar-se na busca por “um papel de relevo no processo formativo e de construção do conhecimento, valorizando assim os serviços prestados, seu desempenho, sua carreira, seu papel institucional, cidadão e humanitário”. Assim, cabe às bibliotecas contemporâneas buscar adotar políticas de gestão da informação, centradas na educação para a cidadania, de modo que possam gerar transformação nos usuários.

Essa não é uma tarefa fácil, mas sim uma questão complexa, tendo em vista as dificuldades que muitos bibliotecários enfrentam hoje principalmente com: falta de investimento em políticas públicas que valorizem a importância das bibliotecas na sociedade; falta de recursos materiais e de pessoal; escassez de verbas, entre outros. “Geralmente, a biblioteca é considerada apenas como um serviço de apoio ao ensino e à pesquisa, apresentando-se dissociada da comunidade à qual se liga” (DUDZIAK, 2003:33). Desse modo, a busca pela participação das bibliotecas brasileiras nos processos de ensino e aprendizagem é um caminho longo e árduo, porém urgente e os bibliotecários precisam unir forças para percorrê-lo.

Referências bibliográficas

AQUINO, Mirian de Albuquerque

2007 A Ciência da Informação: novos rumos sociais para um pensar reconstrutivo no mundo contemporâneo. *Ciência da Informação*. [Em linha]. 36:3 (set./dez. 2007). [Consult. 22 jan. 2019]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v36n3/v36n3a02.pdf>.

ARAÚJO, Carlos Alberto de Ávila

2017 Biblioteconomia: fundamentos e desafios contemporâneos. *Folha de Rosto*. [Em linha]. 3:1 (jan./jun. 2017) 68-79. [Consult. 25 jan. 2019]. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/193>.

ARAÚJO, Nelma Camêlo; FACHIN, Juliana

2015 Evolução das fontes de informação. *Biblos: revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*. [Em linha]. 29:1 (2015). [Consult. 22 jan. 2019]. Disponível em <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/5463>.

ASSUMPÇÃO, Fabrício Silva; SANTOS, Plácida Leopoldina Ventura Amorim da Costa

2015 Representação no domínio bibliográfico: um olhar sobre os formatos Marc 21. *Perspectivas em Ciência da Informação*. [Em linha]. 20:1 (2015). [Consult. 18 ago. 2019]. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/download/2054/1582>

BARRETO, Ângela Maria

2005 Informação e conhecimento na era digital. *Revista do IBICT*. 1:1 (2005).

BEMBEM, Angela Halen Claro; SANTOS, Plácida Leopoldina Ventura Amorim da Costa; PINHO NETO, Júlio Afonso Sá de

2014 Tempo do conhecimento interativo: reflexões sobre a inteligência coletiva e o pensamento complexo. *Em Questão: revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS*. [Em linha]. 20:1 (jan./jun. 2014). [Consult. 22 jan. 2019]. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/36624>.

CASTELLS, Manuel

1999 *A Sociedade em rede*. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999, vol. 1.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana

2003 Information literacy: princípios, filosofia e prática. *Ciência da Informação*. [Em linha]. 32:1 (jan./abr. 2003). [Consult. 12 ago. 2019]. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1016>.

FONTES, Gabriela Scroczyński; GOMES, Icléia Rodrigues Lima e

2013 Cibercidades: as tecnologias de comunicação e a reconfiguração de práticas sociais. *Informação & Informação*. [Em linha]. 18:2 (maio/ago. 2013) 60-76. [Consult. 22 jan. 2019]. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/16161>.

FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo; FREIRE, Isa Maria

2009 *Introdução à Ciência da Informação*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias

2012 *Letramento informacional: pesquisa, reflexão e aprendizagem*. Brasília: FCI, UnB, 2012.

KEEN, Andrew

2009 *O Culto do amador: como blogs, MySpace, Youtube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MACHADO, Raquel Bernadete; PEREIRA, Ana Maria

2015 Produção científica acerca do novo código de catalogação RDA: análise bibliométrica de 2010 a 2014. *Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação*. [Em linha]. 13:2 (maio/ago. 2015) 298-311. [Consult. 11 ago. 2019]. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2106/3387>.

MAIMONE, Giovana Deliberali; SILVEIRA, Naira Christofolletti; TÁLAMO, Maria de Fátima G. Moreira

2011 Reflexões acerca das relações entre representação temática e descritiva. *Informação e Sociedade: estudos*. [Em linha]. 21:1 (jan./abr. 2011) 27-35. [Consult. 11 ago. 2019]. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/download/7367/5596>.

MEY, Eliane Serrão Alves; SILVEIRA, Naira Christofolletti

2009 *Catálogo no plural*. Brasília: Briquet de Lemos, 2009.

OKADA, Suzana Yuri; ORTEGA, Cristina Dotta

2009 Análise da recuperação da informação em catálogo online de biblioteca universitária. *Informação & Informação*. [Em linha]. 14:1 (jul./jun. 2009) 18-35. [Consult. 13 jan. 2019]. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1854>.

OLIVEIRA, Antonio José Barbosa de; CRANCHI, Daniela Carvalho

2017 O Papel da biblioteca universitária como espaço de afiliação estudantil e o bibliotecário como educador e agente inclusivo. *Informação & Sociedade: estudos*. [Em linha]. 27:2 (2017). [Consult. 25 jan. 2019]. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/32654>.

PARRA FILHO, Henrique Carlos Parra; MARTINS, Ricardo Augusto Poppi

2017 Governança digital como vetor para uma nova geração de tecnologias de participação social no Brasil. *Liinc em Revista*. [Em linha]. 13:1 (maio 2017) 223-236. [Consult. 15 ago. 2019]. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3895>.

PINHEIRO, Marta Macedo Kerr; BRITO, Vladimir de Paula

2014 Em busca do significado da desinformação. *DataGramaZero: revista de Informação*. [Em linha]. 15:6 (dez. 2014). [Consult. 11 ago. 2019]. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/51758>.

PINHO NETO, Júlio Afonso Sá de

2008 As Novas tecnologias da informação e comunicação diante da transversalidade entre natureza e cultura. *Culturas Midiáticas*. [Em linha]. 1:1 (jul./dez. 2008). [Consult. 11 jan. 2019]. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/cm/article/view/11630>.

QUÉAU, Philippe

1999 O Tempo do virtual. In *Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual*. Org. André Parente. Rio de Janeiro: 34 Letras, 1999.

SANTA ANNA, Jorge

2015 A (r)evolução digital e os dilemas para a catalogação: os cibertecários em atuação. *Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação*. [Em linha]. 13:2 (2015). [Consult. 15 ago. 2019]. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8634632/3388>.

SANTOS, Jair F.

1998 *O Que é pós-moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

SERRA, Joaquim Paulo

1998 *A Informação como utopia*. Covilhã: Labcom Books, 1998.

SILVA, Helena [et al.]

2005 Inclusão digital e educação para a competência informacional: uma questão de ética e cidadania. *Ciência da Informação*. [Em linha]. 34:1 (jan./abr. 2005) 28-36. [Consult. 13 ago. 2019]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v34n1/a04v34n1.pdf>.

SILVA, L. C. N. [et al.]

2017 O Código RDA e a iniciativa BIBFRAME: tendências da representação da informação no domínio bibliográfico. *Em Questão: revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS*. [Em linha]. 23:3 (set./dez. 2017) 130-156. [Consult. 15 ago. 2019]. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/69549>.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da

2008 O Bibliotecário como agente histórico: do "humanista" ao "moderno profissional da informação". *Informação & Sociedade: estudos*. [Em linha]. 18:3 (2008) 83-94. [Consult. 13 ago. 2019]. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/download/1873/2275>.

TOMAÉL, Maria Inês [et al.]

2001 Avaliação de fontes de informação na Internet: critérios de qualidade. *Informação & Sociedade: estudos*. 11:2 (2001) 13-35.

Luciana Dumer | ludumer2016@gmail.com

Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil

Júlio Afonso Sá de Pinho Neto | sadepinhojulio@gmail.com

Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil

Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque | ebaltar2007@gmail.com

Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil